

## O VALOR DA VERDADE

KIMBERLY KIRBERGER

Robby Rogers... meu primeiro amor. E que cara bacana também.

Ele era amável, sincero e inteligente. Na verdade, quanto mais penso nele, mais razões encontro para tê-lo amado tanto quanto amei. Nós estávamos saindo juntos havia um ano. Como vocês sabem, no segundo grau isso é muito tempo.

Não me lembro por que não fui à festa de Nancy naquela noite de sábado, mas Robby e eu tínhamos combinado de nos ver depois. Ele passaria na minha casa por volta das dez e meia. Robby sempre chegava na hora combinada, por isso, quando ele não apareceu até as onze horas, senti que alguma coisa não estava certa.

Na manhã do domingo, ele me acordou com um telefonema.

- A gente precisa conversar. Posso ir aí?

Eu queria dizer: "Não, não pode vir aqui para me dizer que tem alguma coisa errada." Em vez disso, falei:

- Claro - e desliguei com um nó na barriga.

Eu estava certa.

- Fiquei com a Sue Roid na festa - me informou Robby - e combinei de sair com ela hoje. - Ele continuou com o habitual: - Estou tão confuso. Nunca faria nada para magoar você, Kim. Eu sempre vou amar você.

Devo ter ficado branca, porque senti o sangue se esvaír do meu rosto. Aquela era a última coisa que eu esperava e minha reação me surpreendeu. Fiquei com tanta raiva que fui incapaz de completar uma frase. A mágoa era tanta que tudo, a não ser a dor no meu coração, parecia estar em câmara lenta.

- Poxa, Kim, não fique assim. A gente pode ser amigo, não pode?

Essas são as palavras mais cruéis que se pode ouvir de alguém de quem se está levando um fora. Eu o tinha amado profundamente, compartilhado cada fraqueza e cada vulnerabilidade com ele - sem falar nas quatro horas por dia que passara com Robby no último ano (não incluindo o tempo no telefone). Eu queria bater nele com força, muitas vezes, até que ele se sentisse tão mal quanto eu estava me sentindo. Em vez disso, pedi para ele ir embora. Acho que disse alguma coisa sarcástica como: "Estou ouvindo a Sue chamar você." Sentada na minha cama, chorei durante horas, tão magoada que nada era capaz de fazer aquilo parar. Tentei até comer um pote inteiro de sorvete. Escutei todas as nossas músicas favoritas inúmeras vezes, me torturando com lembranças de tempos bons e palavras carinhosas. Depois de ficar doente de tanto me sentir uma pobre-coitada, tomei uma decisão.

Eu ia me vingar.

Meu raciocínio era o seguinte: Sue Roth é - era - uma das minhas melhores amigas. Boas amigas não dão em cima do seu namorado quando você não está. Obviamente, Sue tinha que pagar.

Naquele fim de semana, comprei seis dúzias de ovos e fui até a casa de Sue com algumas amigas. No começo eu estava só dando vazão à raiva, mas aquilo foi piorando. Então, quando alguém encontrou uma janela aberta no porão, jogamos todos os ovos que tinham sobrado lá dentro. Mas essa não é a pior parte. A família Roth estava viajando por três dias!

Deitada na minha cama naquela noite, comecei a pensar sobre o que tínhamos feito. "Isso é ruim, Kim... isso é muito ruim." Logo o colégio todo soube da história. Robby e Sue estavam saindo e alguém tinha jogado ovos na casa dela. A coisa tinha sido tão ruim que os pais de Sue tiveram que contratar um profissional para se livrar do cheiro.

Quando cheguei em casa depois da escola, mamãe estava me esperando para conversar.

- Kim, o telefone não parou de tocar o dia todo. Não sei o que dizer. Por favor, você tem que me contar. Foi você?

- Não, mãe, não fui eu. - Eu me senti muito mal por mentir para minha mãe.

Ela ligou furiosa para a Sra. Roth.

- É a Ellen? Eu quero que você pare de acusar a minha filha de jogar ovos na sua casa. - Ela gritava com a mãe de Sue, sua voz ficando cada vez mais alta. - Kim nunca faria uma coisa dessas, e eu quero que você pare de falar para as pessoas que foi ela! - Minha mãe estava mesmo embalada. - E tem mais, eu quero que você peça desculpas à minha filha!

Gostei de ver mamãe me defendendo, mas me senti péssima por causa da mentira. Os sentimentos estavam todos retorcidos dentro de mim, e eu sabia que tinha que dizer a verdade. Fiz sinal para mamãe desligar o telefone.

Ela desligou e se sentou. Ela sabia. Chorei dizendo o quanto estava arrependida. Depois, ela também chorou. Eu teria preferido que ela ficasse brava, mas mamãe usara toda a sua raiva contra a Sra. Roth.

Liguei para a Sra. Roth, pedi desculpas e disse que lhe daria cada centavo do dinheiro que ganhara cuidando de crianças para ajudar a pagar pelos estragos. Ela aceitou, mas pediu para eu não ir à sua casa antes de ela estar pronta para me perdoar.

Mamãe e eu ficamos acordadas até tarde naquela noite, conversando e chorando. Ela me contou que um de seus namorados tinha terminado com ela para ficar com sua irmã.

Perguntei se ela tinha jogado ovos na própria casa e ela chegou até a rir. Depois me falou como ter filhos às vezes é difícil, porque você quer brigar com todo mundo que faz o seu filho sofrer, mas não pode. Tem que se segurar e olhar enquanto seus filhos aprendem sozinhos lições difíceis.

Eu me senti muito próxima e amiga de minha mãe, disse o quanto tinha sido incrível para mim vê-la me defender daquele jeito e como era especial ter aquele tipo de momento com ela.

Mamãe me deu um abraço:

- Ótimo. Nós duas podemos passar a noite de sábado que vem juntas e a de domingo também. Eu disse que você estaria de castigo durante o fim de semana, não disse?

Deveríamos tomar cuidado para tirar de uma experiência apenas a sabedoria que ela contém.

MARK TWAIN